

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontra-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



E dizem que somos nós; nós, queridas leitoras, as que fallamos, erramos, peccamos, choramigamos, e... tudo quanto tem lembrado, a esses senhores apixonados, dizer nas suas horas aziagas; entretanto forão elles, elles sós, os que peccarão e nos deixarão responsaveis de uma falta para a qual não havemos contribuido! Assim succede sempre.

Mas agora o que fazer? Não lhe vejo outro geito senão *fazer de conta* que recebemos os nossos figurinos — que são lindissimos — e que a descripção dos *toilettes* está primorosamente feita: tudo o mais é affirmo-nos com o que já não tem mais remedio, e o que não tem remedio, sempre ouvi dizer que remediado está. Pelo menos assim penso eu: quando qualquer cousa me acontece, digo logo ao côs do meu vestido — *ainda podia ser cousa peor.*

Pois bem, direis vós, isso faremos de bom grado; mas em todo o caso, como o artigo de modas não nos vem de Pariz, não dispensamól-o; queremos saber das novidades e alterações que a moda tem apresentado neste intervallo, e o que vai por esse mundo de fantasias de que não temos noticia official pelos jornaes diarios. E' justamente, responderei eu, o que neste momento vou dar principio.

Participo-vos que, antes de apresentar-me nos salões, pratiquei o que muita gente faz quando chega á côrte: puz-me á janella no primeiro dia para ver passar de tarde a gente fina, e então no dia seguinte á noite fui visitar a rua do Ouvidor, para

ver a illuminação a gaz (tambem devia pagar este tributo), e conversar com as modistas de primeira ordem, de quem estive ausente tanto tempo, para me darem noticias, esclarecimentos, apontamentos, enfim pôr-me em estado de vos poder dizer alguma cousa do mundo das modas.

Ao entrar em casa de M.^{mo} Barat, vi, aproximando-se de mim, um vulto... ahi! que susto que tive! estremei toda, e, se fôra das que se assustão de qualquer espirro, tinha pelo menos tapado os olhos com o lenço; mas, ao contrario, encorajei-me, e a pé firme esperei que o vulto se aproximasse para reconhecer o phantasma de nova especie.

Era um homem magro e alto, meu bom Deus, como um caibro de lanterna de andaime! Que calças que trazia tão apertadinhas! As pernas parecião dous cabos de faca. O collete, fugindo escandalosamente da cintura natural onde devia chegar por ordem da verdadeira elegancia, estava remontado e contrafeito lá sobre as costelletas do peito; e mais... Santo Deus de misericordia! que sobre-casaca! que casaca! que cousa ruim trazia elle pendurada dos hombros até a barriga das pernas rematando toda esta exquiritice! Ora realmente, perdoe-me a sua ausencia, mais de perto pareceu-me um cabide antigo vestido de batina com um chapéu redondo por cima, passeando pela rua do Ouvidor! Ao canto de uma sala, posto de costas, ninguem o tomaria por outra cousa. Perguntei a M.^{mo} Barat, quando subi a

rir-me que já não podia mais, se uns homens altos, de casacões compridos e desageitados, que andavam á noite com passadas de vara e meia cada uma, erão os engenheiros do gaz que tinham chegado ha pouco das minas do carvão de pedra. E a minha pergunta não era sem fundamento, pois que, deixando eu a côrte antes da illuminação a gaz, e não tendo visto até então semelhantes espantalhos pelas ruas, era muito de supor que fossem elles alguns estrangeiros maquinistas, ou talvez algum patricio nesso chegado ha pouco da Europa, com vaidades de figurino exotico.

Ella dá uma grande risada, e diz-me com muita graça: « Oh! por piedade, não são engenheiros do gaz, minha querida, mas são companheiros do gaz; são alguns, muito poucos felizmente, dos elegantes que abrilhantão os salões com a gentileza de seu porte e com o chammejar de seus olhos! Não acreditais nisto? »

Fiquei mais morta que viva com semelhante noticia!

Ora os meus patricios, que têm figurinos que chegão de Pariz todos os mezes; que têm os nossos jornaes e os jornaes francezes que lhes dão noticia puntual do que é moderno e de bom gosto, ainda não comprehendêrão que o *sobretudo* é um casaco que se veste por cima da casaca, no rigor do inverno da Europa, todo abotoado, com cintura baixa, acompanhando um *toilette* apropriado...! Não se recordarão elles que em 1852 já o *Jornal das Senhoras* apresentou, na sua primeira e grande estampa de figurinos de homens, figurinos de inverno trazando nesse gosto? — o que quer dizer indubitavelmente que hoje já não é moda taes casacões; mas sim uso velho e muito velho para essa estação?

Engolirão a pata que lhes administrou mansosamente algum alfaiate charlatão des que chegão á esta boa terra pretendendo não encontrar por cá cousa melhor do que elles, e ell-os enfrontados n'um casaco de inverno, bem persuadidos de que tração no ultimo gosto de Pariz — e por consequencia

Casaco de inverno com calça e collete branco

Casaco de inverno com calça de ganga

Casaco de inverno desabotoado

Casaco de inverno abotoado em dia de calor

Casaco de inverno em toda a parte.

Enfim, até já me disserão que um destes casacões apresentou-se a semana passada n'uma das nossas primeiras partidas *afirmosajito* um elegante de fora da côrte á quem fizêrão acreditar que era o melhor vestido para taes reuniões semanaes! O que deste lôgro resultou, queridas leitoras, vós bem podeis fazer idéa: tomarão-no á sua conta moços e moças de bom-tom, e ahi temos o casaco dançando sempre, passando pela sala á todos os instantes, risadas por todos os lados, e o nosso homem muito senhor de si — porque tinha consciencia de estar bem traçado — no ultimo gosto de Pariz.

O ultimo gosto de Pariz...!

Se este, e muitos outros cavalheiros, soubessem que em Pariz o gosto de bem traçar é natural dos Francezes; que não ha um dia em que a moda não passe pelas feiras do bom-tom e que não soffra uma modificação, uma alteração, qualquer que ella seja, ainda mesmo n'um talho, n'um botão mais, n'um botão menos; convencer-se-hião de que em Pariz o

alfaiate ou a modista não abusão do freguez, impingindo gato por lebre a seu bel-prazer — porque cada um freguez é o gosto personificado (permitta-se-me a frase neste caso), e quando se entrega á disposição da moda, tem certeza de que a tesoura lhe vai cortar os vestidos de mais bom gosto, e sobretudo — *apropriados á estação*; porque Pariz traja conforme a estação, conforme o lugar e a hora.

Ao passeio a cavallo, á visita de sege, á igreja, ao jantar, ao theatro, ao baile, ha sempre um *toilette* adaptado, quer no inverno, quer no verão. Conhece-se em Pariz, ao olhar para um cavalheiro ou para uma senhora de bom tom, um certo *distingué* no seu trajar, que revela perfeitamente o cuidado com que se vestiu para qualquer dessas occasões, e jámais apparece com os *despropósitos*, que de vez em quando entre nós infelizmente resuscitão de modas ou usos velhos que lá-tiverão todo o effeito de sua propriedade, e cá degenerarão em irrisorias caricaturas — porque nem ao menos é no tempo proprio, nem conforme lá foi o uso, que ellas apparecem.

Ora, portanto, veja-se um casaco de inverno embuçando um *rimoso dandy*, n'uma tarde quente que faz pingar o suor, passeando no Passeio Publico — para tomar fresco! (porque não é humanamente possivel de acreditar que vai aquecer-se ali ao ressaltar das ondas do mar) e diga-se:

— Isto é moda de Pariz.

Qual moda, queridas leitoras; um despropósito de semelhante natureza é uma caricatura para fazer rir, e um exemplo vivo para que tomemos nossas cautelas contra as palavrinhas doces — Isto é moda de Pariz —. Da moda á exaggeração, o meio termo é sempre o mais conveniente e adoptado pelo mundo elegante de qualquer paiz: a impropriedade de *toilettes* não pertence á boa sociedade.

Não fallenmos mais em casacos, que já me vai parecendo sermão, e mesmo porque pôde algum offendido dizer, como se diz muita cousa sem razão — que também é impropriedade fallar o *Jornal das Senhoras* da moda dos homens.

(Como se á impropriedade de taes modas não affectasse o bom gosto e acerto que deve presidir á escolha de qualquer *toilette*.)

Depois de rirmo-nos e conversarmos no que não vem ao caso referir nesta occasião, entramos em materia. M.^{me} Barat deu-me conta exacta do movimento da moda nestes ultimos magros mezes, finalizando a sua minuciosa exposição dizendo-me que só depois de fixado o dia do baile do *Casino* haveria alguma cousa a dizer.

Do que inferi, que a moda, se não tem estado estacionaria, tem tido poucas alterações, das quaes a mais notavel é a dos vestidos de baile enfeitados de ramos de flores, de folhagem ou de espigas de trigo; os enfeites de cabelo igualmente no mesmo gosto; e as côres das sedas e blondes sempre claras são as mais especiaes.

Da presente estação o que effectivamente tem merecido geral acceitação, são as capinhas de inverno á *Norma*, um dos modelos que apresentou a nossa ultima grande estampa. São de merino, ou de panno, redondas, como as capás que os homens actualmente usão chamadas á *Talma*, com enfeites de veludo estampado guardando-as em volta, com cabeção ou sem elle, igualmente enfeitado, e levemente acolchoadas, e forradas de tafetá. As côres de preferencia,

é a cor de pó, cor de cinza clara, cor de chumbo, e mesmo a branca; mas esta cor tem todo o lugar nas capinhas de sabida de baile, enquanto as outras servem e vão bem em qualquer occasião.

Os vestidos de passeio, que se tem feito ultimamente, conservão ainda o mesmo talhe, a mesma cintura, e a mesma disposição de enfeites; sómente houve differença na qualidade das fazendas, que necessariamente no inverno são mais encorpadas e de um tecido de lã ou seda, mais forte para a estação.

Os chapéus ainda são pequenos; mas são preferidos nesta occasião os de veludo e os de seda encorpada.

Com a estréa este anno do *Cassino* no mez que

veiu o mundo elegante tomará as suas devidas posições, e a moda terá um melhor desenvolvimento e animação. Breve está esse dia, e a vossa Christina, queridas leitoras, vos dará conta de tudo.

Por causa dos casações de inverno, vai hoje uma gravura nas paginas do nosso jornal que vos mostra em caricatura o penteado que usavão as senhoras no seculo decimo-oitavo, em França. Avaliai, queridas leitoras, se um tal despropósito poderia hoje ter lugar tambem com o titulo de—Ultima moda de Paris.

Cattete, 26 de Maio.

Vossa sempre,

Christina.

APRESTOS NECESSARIOS PARA PENTEAR UMA SENHORA NO SEculo XVIII.



TOUCADOS DO SÉCULO XVIII, EM FRANÇA.

Quando se vê a simplicidade com que hoje se touca as senhoras, custa a conceber como nos fins do século passado, chegaram ellas a dar a seus penteados formas tão extraordinárias e tão desmesuradas. A arte de um cabelleireiro não lhes era sufficiente; carecião do auxilio do serralheiro para ajuntar todas as molas dessas maquinas enormes que trazião sobre a cabeça.

A caricatura apoderou-se dessa moda ridicula e fez-lhe justiça. A que hoje damos foi acompanhada de muitas outras, representando as senhoras acompanhadas de carpinteiros e de pedreiros para alargarem as portas por onde devião ellas entrar.

Todavia, não devemos exprobrar em demasia ás senhoras este breve encommodo que amontoavão sobre a cabeça; os homens lhes tinhão dado o exemplo, e antes que no século decimo oitavo inventassem ellas todas essas modas exageradas, tinha o sexo masculino feito o mesmo no século anterior.

No reinado de Luiz XIII andavão os homens de solideo; depois lembrarão-se de acrescentar-lhe cabellos postiços para disfarçar a falta de cabellos naturaes, e finalmente conseguirão trazer os cabellos postiços sem o auxilio do solideo pela descoberta da cabelleira. Esta invenção foi declarada admiravel; e Luiz XIV era ainda bem moço quando em 1656 creou trinta e oito empregos de barbeiros-cabelleireiros com o privilegio exclusivo de fabricar cabelleiras. A descoberta prosperou rapidamente. Em 1675 creou Luiz XIV mais duzentos logares. Até á época de que fallamos, os reis de França e os fidalgos distinguão-se pela barba e pelo bigode. Luiz XIV conservou apenas uma pequena pêra por baixo do labio inferior, mas substituiu o ornamento que faltava no rosto pelo que accrescentou sobre a cabeça, e a cabelleira tornou-se o signal de nobreza.

Os cabelleireiros não cessavão de inventar novas modas para se darem mais importancia, e desviarem-se cada vez mais da simplicidade da natureza. Depois de terem inventado a cabelleira, inventarão os polvilhos. Luiz XIV não podia supurtar esta nova descoberta, talvez por vêr nessa geada artificial que

lhe querião deitar na cabeça a imagem da velhice que lhe era odiosa, e contra a qual se defendeu até o fim; foi sómente nos derradeiros annos da sua vida que elle consentiu que lhe apovilhassem os cabellos. Mas Luiz XV uzou desde a infancia desses polvilhos, symbolo da velhice que seu avô sempre repellira.

As senhoras conservarão por muito tempo mais simplicidade em seus toucados. No reinado de Luiz XIV não usavão de cabelleira nem de polvilhos; no reinado de Luiz XV polvilharão-se, mas conservarão os cabellos muito altos na frente, para que a testa ficasse inteiramente descoberta.

Foi sómente na aclamação de Luiz XVI que os penteados das senhoras tomárão essas formas extravagantes de que fallamos no principio deste artigo; adoptada de uma vez esta moda, não conheceu ella mais limites; mudava com maravilhosa rapidez, não para corrigir-se, mas sim para tomar desenvolvimentos mais singulares e mais extravagantes. A nomenclatura de todos esses penteados é por si mesma mui curiosa. Os nomes que lhes davão derivavão do seu feitiço, como por exemplo: *o ouriço de quatro fivelas* — *o riço à chancelier* — *o riço à direita* — *o riço à esquerda* — *a maçaroca* — *o capacete à Minerva* — *a Phrygiana* — *o penteado a Collisseo* — *à leiteira* — *à banheira* — *à marmota* — *à preguiçosa* — *à camponeza* — *à campainha* — *ao gavião* — *à cista* — *o crescente* — *a circassiana* — *a oriental* — *o bandô de amor* — *o berço de amor* — etc.

As senhoras desse tempo não se limitavão ás pyramides de cabellos representados na caricatura que hoje publicamos; ornavão-as ainda com infinidade de ganchos, de tranças, de fitas, de flores, de lenços, de toucas e de mantos que lhes davão um ar de taboleta de modista. A revolução que dezenraizou as torres da Bastilha, fez desmoronar tambem as que a moda tinha levantado sobre as cabeças das senhoras, e por sua vez nas dos homens que igualmente tiverão de empoar o cabello e penteal-o em caracões como ainda usavão no tempo del-rei D. João VI.

Extr.

MIRANDA DE ARAGÃO.

(Historia da Inquisição.)

(Continuado do n.º 21.)

Emquanto Henrique e a sua joven esposa vivião felizes e tranquilos no fornoso retiro que tinhão escolhido, e ahí esquecião o mundo na ventura que gozavão, raiou a paz na Europa. Entre aquelles que correrão a abraçar os amigos que tão saudosos os esperavão, contava-se Miranda de Aragão. Deixado por morto no campo da batalha, cahiu em poder do inimigo, que, vendo-o ainda respirar, e tomando-o por official distincto, o transportou para logar distante, onde, a muito custo, pôde restabelecer-se.

Entregue todo á ardente paixão que o devorava, vouu, cheio de esperanças, para o valle onde deixara o ente amavel que creára para si. Mas quem pôde descrever os seus sentimentos, quando viu gente estranha sahir dessa morada, onde contava ser recebido por quem tanto amava, e quando viu que dos dous habitantes que ahí deixara o mais velho tinha morrido, e o outro estava casado com Saint-Lorent e tinha ido com elle, ninguem sabia para onde! Palido e horrórizado, retirou-se Miranda para longe do

seu albergue, e foi deitar-se na montanha, debaixo de uma arvore, d'onde podia descortinar todo o valle. Aqui, julgando que a sua desventura tinha tocado a méta, pegou do punhal para pôr termo á sua existencia. Mas a sêde da vingança apoderou-se da sua alma irascível e indomavel, e inspirou-lhe o desejo de viver.

— Não! exclamou elle, perfido malvado, tu não me roubarás impunemente a felicidade que me estava reservada; tu não violarás, ás mãos lavadas, o santuario da minha casa! Eu te descobrirei, e, semelhante ao aujo da vingança, te perseguirei até que pagues com a vida os males que me causaste!

Levantou-se e seguiu a estrada de Bagnères, onde tinha tudo o que possuía nas mãos de um negociante. Ahi comprou armas, e voltou para o valle, determinado a apoderar-se da casa ou á força ou por dinheiro. A's pessoas que então a habitavam disse que era estranho ao paiz, que a solidão e belleza do logar muito lhe tinham agradado; e offereceu pela casa uma somma tão superior ao seu valor, que não achou difficuldade alguma em lh'a cederem. Concluido o ajuste, pagou o dinheiro, com a condição de que a casa seria evacuada immediatamente, e que os vendedores nada levarião do que ali se achava.

Correu todos os quartos da deserta habitação, e entrou na camaça onde outr'ora estivera o seu retrato; aqui a angustia da sua dor lhe abateu o espirito e o fez cahir, desmaiado, no mesmo logar em que Mira florescêra com toda a illusão da innocencia. Tornando á si, a desesperação e a vingança lhe derão novas forças; levantou-se arrebatado, e, pegando de um machado, começou a obra da destruição. Com ira violenta, uivou tudo, derrocou todas as arvores fructíferas, arrancou todas as flores, destruiu todas as latadas, e, tendo errado todo o dia como um maníaco, achou-se, á boca da noite, no logar solitario em que jazia sepultada a companheira de Mira. Aqui bradou elle com voz sepulcral:

— Velha, levanta-te e vem dizer-me onde acharei o traidor! Abre ainda uma vez teus poderes e corruptos labios, e depois fecha-os para sempre!

Revolveu a terra que cobria a sepultura, e delirou de novo, mas ninguém ouviu suas lamentações. Só lhe respondeu o bando de gralhas que a noite enviava, cacarejando, para as tocas da montanha. Miranda estremeceu, como se algum presentimento sinistro lhe annunciasse um fim fatal; deu-se pressa a entrar em casa, e, reunindo ahi todas as materias combustiveis, lançou-lhe fogo.

— Aqui nenhuma andorinha tornará a fazer ninho! exclamou elle; d'ora avante, amaldiçoado seja este logar!

O vento arremessava para longe nuvens de fumo, e as labaredas que sahião em borbotões pelo demolido tecto espargião medonha claridade na escuridão da noite. Os habitantes das proximas aldeas levantaram-se assustados e voarão em auxilio de Miranda; mas este, qual espirito infernal, corria em derredor do incendio, com a espada nua, fazendo recuar todos, e protegendo assim as chamas nos seus horriveis estragos. O dia raiou emfim sobre um montão de ruínas, e Miranda, abandonando então o logar que tão odioso se lhe tornára, partiu, disfarçado em camponez, e decidido a vingar-se, para a herdade paterna de Saint-Lorent, onde esperava encontrar

os jovens esposos. Mas o homem que então a possuía nenhuma informação lhe pôde dar, que nunca elle os tinha visto. O desejo da vingança o fez errar de um logar para outro, até que um dia lhe veio á idéa a possibilidade de terem elles ido para Hespanha. Resolveu pois dirigir para ahi seus passos, e assim, após vinte annos de ausencia, entrou de novo na sua patria; passou o liminar da sua villa natal, e ninguém o conheceu; novos edificios se tinham levantado no logar em que outr'ora estivera a casa de seus pais; caras estranhas e desconhecidas passavam por elle nessas ruas onde só costumava ver rostos amigos, feições familiares. Exhausto de forças, sentou-se em um banco de pedra na praça maior, e as lagrimas começaram a correr-lhe pelas faces. A porta da igreja do convento de S. Domingos, onde fôra educado, estava aberta; entrou, e, comparando os dias que ahi passára com os que passára no grande mundo, reconheceu a influencia da paz ceste que reinava em torno de si, e que parecia chamma-lo e convidal-o para que a adorasse. A ira cedeu o logar ao mais profundo sentimento de melancolia; ajoelhou-se perante o altar, encostou a cabeça no marmore frio dos degraus, e chorou amargamente.

Neste estado lhe veio o sacristão lembrar que era tempo de sahir da igreja. Ah! bem queria Miranda pedir-lhe uma cella neste pacifico claustro; mas não teve força para abrir os labios, e sahiu sem proferir palavra. Quanto mais se apoderava do seu espirito a lembrança da desenfiada vida da sua mocidade, tanto mais rapidamente diminuía a horrivel tormenta das paixões que o trazião em constante agitação. Na manhã seguinte voltou ao convento, assistiu á missa de fínados, e ouviu os frades pronunciar o nome de seus pais. Pareceu-lhe ver os seus espiritos amaldiçoando-o, e resolveu desde logo dedicar-se a uma vida de penitencia. Apreseitou-se ao abade do convento, deu-se a conhecer, e entregou-se em suas mãos para ser punido como criminoso e filho arrependido. Obteve perdão, e, após um curto noviciado, foi admittido, a pedido seu, na ordem dominicana. O exemplo de um peccador que voluntariamente deixava o mundo para entrar no seio da igreja e legat-lhe todos os seus bens, era em demasia lisonjeiro para não ser recebido com exultação.

Ainda não tinha passado um anno, e já a monotonia da vida conventual tinha enervado o animo de Miranda, que mais que tudo desejava um emprego activo. Aconteceu que o convento tivesse negocio de importancia a tratar na capital. A escolha recahiu em Miranda, que bem conhecião os frades o seu talento e experiencia. Chegado á capital, todos os olhos se fitarão no monge energico e prudente, e todos congratulão o convento por contar um membro tão discreto e proveitoso no numero dos seus. Neste meio tempo veio Miranda a conhecer o inquisidor-mór, o qual formou da sua capacidade tão alta opinião, que lhe offereceu um logar no tribunal da Inquisição. Depois que o amor deixára o coração de Miranda, parecia que fôra elle creado para juiz cruel e insensível, que podia pesar e condemnar não as acções do homem, mas sim os mais intimos pensamentos de sua alma. O immenso poder que lhe dava o novo emprego sobre as vidas e felicidade dos seus semelhantes excitou o seu altivo espirito. Obteve o consentimento do seu convento, e

tomou assento no tremendo tribunal. A missão de horror e de miseria em que ora se achava empe-

nhado derramava um prazer feroz nesse coração que a todo o mundo odiava. (Continúa.)

CHRONICA DOS SALÕES.

Ora não sei por onde deva hoje principiar a minha chronica. Se não tivesse por ahí alguma te-sourada, eu fallaria de um jantar de annos á cam-pestre que teve lugar no domingo na Imperial Quinta do Cajú; debaixo de uma frondosa mangueira, que deve contar já bastantes janeiros; descreveria uni por um todos os encantos desse formoso sitio; fallaria de todos os prazeres que se fruirão nesse dia no meio da mais luzida sociedade, do grupo das mo-cinhas de luto, na amavel e distincta senhora que dirigia a função, nos espirituosos ditos de um bello mancebo, no passeio da barraca, nos vivas do jantar, nas moças que chegarão tarde da cidade, nas poesias, e finalmente no *feliz* capitão que sabe gran-gear a estima, a consideração e a sympathia de to-dos; mas, ai de mim, se tal fizer! Não fallaráo por ahí censuras, criticas, e formidaveis tesouradas. Pois que! a *chronista* já quer arvorar a quinta do Cajú, uma mesa de pedra debaixo de uma manguei-ra, e esses passeios campestres, em elegantes salões, e assim incluir tudo na sua *chronica*, sem se lembrar que isso não deve fazer parte da sua missão? Nada, nada minhas amaveis leitoras, não vos descrevo esse jantar campestre tão cheio de prazeres, porque não devo sahir fóra dos limites d'uma *chronista de salões*, e assim vamos tratar do baile da *Sylphide* no *Club Fluminense*, que das novidades da semana é a que mais tem occupado todas as atenções.

Que a *Sylphide* é hoje uma sociedade de primeira ordem, não ha quem conteste; e a sua passagem para o *Club* foi lhe dar maior brilhantismo; pois que não existe comparação entre esse pavilhão re-mendado, e mascarado, esses bancos forrados de pa-ninho de côr duvidosa, essas mobílias estropiadas; com o luxo, o acoete, a riqueza que por toda a parte se encontra nos salões do *Club*; é verdade que neste não ha uma sala que se possa igualar ao pavilhão; mas em compensação têm-se tres salas para dan-çar-se, duas para conversar-se, e tres para passear-se, e tudo isto no meio da mais brilhante illumina-ção; com os trastes mais ricos possiveis, com as paredes cobertas de quadros de valor; finalmente só os amigos do regresso sustentarão a preferencia do Paraíso ao *Club*.

O baile de sabbado foi um dos mais pomposos que a *Sylphide* tem dado; concorrerão á elle 586 cava-lheiros, e 474 senhoras: os salões estiverão atupeta-dos, e com difficuldade até á meia noite se dançava. Entre as senhoras notava-se mui ricos *toilettes*, e era opinião geral que nunca se viu tanta moça bonita reunida. As duas irmãs que trajavam vestidos de seda azul com rendas pretas, o *toilette* de nobreza côr de rosa com rendas á valenciana, e de filo bran-co bordado com apalhados de fitas, guarnecido de flores; e os elegantes vestidos pretos, de duas inter-ressantes jovens, uma clarinha e outra morena, e o de uma viuva que por la andava, forão sem duvida alguma os *toilettes* das mais lindas moças; verdade é

que difficil será em uma reunião de quatrocentas e tantas senhoras distinguir-se esta ou aquella moça, quando todos se acotovelão para poderem dançar; contudo ainda ha uns lindos olhos como os da mi-mosa do Cattete, uns labios seductores como os da flor da Gloria; um rosto encantador como o do anjo que nessa noite simplesmente trajada de branco, estava mais que fascinadora, pois que a belleza não precisa de adornos para se apresentar seductora; aonde ha tudo isto sempre se distingue algum; por-que é impossivel, por maior que seja o numero das moças, que se não possa vêr, de preferencia a tudo, um anginho como esse que no baile da *Sylphide* pa-recia-me uma pastora, e a quem um poeta chamou — a *travessa dos salões*.— Forão muitas as emoções doces, suaves, e amenas que se sentirão na noite de sabbado nos salões do *Club*. Ali, tudo tocou ao bri-lhantismo; os prazeres que se gosarão jámais podem ser esquecidos. Uma musica excellente; um serviço abundante e prompto nas diversas salas, uma reu-nião com o que ha de mais elegante nos circulos flu-minenses, representada pelas diferentes classes da sociedade, e isto tudo com quatrocentos e setenta e quatro senhoras, na maior parte lindas, formosas e seductoras!! O baile de sabbado dado no *Club* mar-ca uma nova era para a sociedade *Sylphide*, e essa era de propriedade e brilhantismo é sem duvida al-guma devida ao seu digno presidente, o Sr. Dr. Gaspar de Almeida, que incansavel tem levado a so-ciedade ao grão a que ella tem chegado. A Directo-ria distinguui-se em obsequiar aos seus convidados; e suas attentiosas e delicadas maneiras para com o bello sexo deve de nós merecer um sincero agrade-cimento.

Na noite de segunda feira uma reunião familiar teve lugar na casa da illustre Redactora deste jornal: era o primeiao anniversario do seu casamento, e as suas amigas reunirão-se para a congratularem com o feliz par, que ha comprehendido o bello do ma-trimónio, desfructando todos os encantos dessa vida tão cheia de seducções. Entre as senhoras que ao piano se deixarão ouvir, primarão, a dona da casa, e a bella do Netheroy, que é sempre um portento quando ao piano demoustra todo o seu talento mu-sical.

Na terça feira o Sr. ministro da Justiça deu um brilhante *soirée*; no qual estiverão reunidos todos os seus parentes e amigos, festejando assim os ven-turosos annos da Ex.^{ma} sua filha. A reunião esteve animadissima, e as horas passarão-se rapidas entre os prazeres da dança e do canto.

Na quarta-feira as sociedades *Recreação Cam-pestre* e *Vestal* disputarão a preferencia de uma boa concurrencia; esta última porém levou a palma, pois que viu os seus salões cheios de uma brilhante reunião. Na *Campestre* havia bastante madamismo, e bem lindos *toilettes*, mas faltava-lhe animação, o que se tem sentido nos bailes desta sociedade ha

tempos a esta parte: se não fôra o grupo das tres jovens que tanto passearão, e conversarão juntas, e das duas irmãs, as estrellas desse baile, a reunião da noite de quarta-feira ter-se-hia tornado bem insipida. Outro tanto não aconteceu á *Vestal*, que esteve encantadora. Bastavam os mimosos *toilettes*-rosas, que tanto imperarão nessa noite, para que ao baile nada faltasse, tanto mais que a reunião foi escolhida e primorosa. O *madamismo* que enchia o salão merecia as honras de uma apurada attenção, porque era um lindo bouquet de flores, cada qual a mais bella e mais mimosa. A feticheira de vestido de garça de seda azul, as suas duas primas, as *toilettes* pretos, os dons brancos, o escossez, e as duas irmãs que pela primeira vez apparecerão na *Vestal*, foram por certo as mais bellas estrellas que brilharão nesse céu de encantos; sem que por isso possa ser esquecida a joven moreninha que é sempre uma inspiração poetica para essas imaginações, que ao doce volver d'uns olhos, e ao sorrir d'uns labios, encontram logo os mais bellos pensamentos para pintarem o que a alma sente.

Seria um nunca acabar se eu fôra descrever uma por uma todas essas bellas que aformoseavam o baile, e a quem por mais de uma vez ouvi chamar — deidade: basta dizer que a *Vestal* teve grupos de anjos, de fadas e de estrellas, e que as horas passarão-se, fruindo-se os mais doces e bellos encantos.

Uma noite de *Vestal*.... e depois?... Recordação e saudade!...

Bravissimo! Estou uma romantica dechapa; pareço-me com um poeta apaixonado, modelando canções ternas e amerosas! Que querem, as minhas amáveis leitoras? a sua Francina gosta de bailes, senão com elles, e até tem a tolice de pensar que só vive quando está n'um salão de contradanças, valsas e schottisches; e por isso tem levado uma semana toda atrege e falgazona; e iguaes á esta eustão muito a *aparecer*.

Ainda na quinta feira assisti ao jantar de annos de uma amiguinha do coração, que é a ventura e as delicias de seu papai; ouvi cantar e tocar piano que me extasiou, e se não fôra estar tão enfiçada, não perderia uma valsa ingleza; mas tinha — minhas saudades do amavel bairro de S. Christovão, e para lá fui afim de passar o dia de sexta feira, que foi votado ao descanço.

Tinha ainda que vos contar uns segredinhos, uma certa paixãozinha por um sagui; mas hoje é sabado, e eu não quero abusar, nem de vossas paciencias, nem da Benevolencia com que sou aeolhada pela illustre Redactora deste jornal.

Findo aqui a minha chronica por hoje; domingo, bem cedo, esperem por mim, que vos hei de contar muita cousinha engraçada.

Até lá.

Rio 27 de maio de 1854.

Francina Oscenia.

CORREIO DOS SALÕES.

Minhas leitoras, é preciso que nos entendamos de uma vez — sou correio ou não sou correio? — sou e não sou.

Sou correio, mas á fé de boa verdade; não ando a cavallo com guizos chocalheiros, nem trago malas á garupa.... do animal (bem entendido).

Não sou correio, mas recebo toda a correspondencia que pelas repartições das novidades vem dirigida á redacção do nosso jornal. — sou eu quem as conduz, quem as vê, as examina e commenta. E no entanto sou correio; por que a repartição onde as malas das noticias são abertas e verificadas, chama-se correio. E no entanto também não sou — por que não as trago em pacotes nem embrulhos, alforfes nem malas.

Ando, como quasi todos, de sobrecasaca á moda (tambem ando á moda) e quem me vir andar na rua de certo não me achará coui cara de correio; nem de ministro, que é o que anda mais decente. O verdadeiro é, que não sei o que sou, nem o que não sou. O facto mais interessante é que está o *Jornal das Senhoras*, pedindo-me contas de minha obrigação, e eu nem tenho a coragen de desculpar-me, mostrando-lhe as malas que me chegarão varias.

Vasias, não digo bem, quasi, quasi. Tem uma tira de papel escripto, que se não entende, por que a mala rasgou-se, a chuva desta semana não a pôdeu, desbotou-lhe a tinta e um P. S. a lapis, esse de todo desapareceu. Mas nesse mesmo fracasso

têm as minhas leitoras uma noticia que não é novidade, mas foi verdade: choveu.

Ora na realidade o sujeito que escreveu o tal papel nunca esperou por essa, talvez fosse cousa até bem interessante.... e tambem o que escreve isto nunca pensou em registrar a chuva como um acontecimento importante; e em paga disso bem merece que as suas leitoras com aquella graça de que têm unica e absoluta propriedade, digão que este parographo está enxabido e sem graça, e que passemos á outro.

Tenha a bondade de sentar-se e esperar que agora acabo o primeiro parographo; se fizerem por parte da typographia alguma reclamação, diga-lhe que tenha paciencia, e se demorar-se o jornal faça um communicado a nossas amáveis assignantes, expondo-lhe a razão por que demorei-me desta vez. Apezar de termos estrada de ferro, e caminhar-se duas leguas em 14 minutos, não pense que posso aqui chegar de Petropolis a horas de encontrar-o em casa, porque a reclamação muito justa, que aquellas nossas amigas ciumentas fizeram, ainda não teve effeito. E se os casados e empregados publicos, para quem foi feita a reclamação por esse congresso de bellezas, não podem pela mesma razão aqui chegar a tempo, quanto mais eu que sou solteiro e que por infelicidade minha não houve uma moça que se lembrasse de proteger-nos com uma petição de tanta força, se eu me podesse casar ou achasse quem

quizesse, de certo não puniria agora pela minha classe; mas que fazer? ja me disserão, que o casamento e quasi todas as cousas deste mundo, acontecem por *Destino*, e eu então não tenho remedio senão chorar meu fado, como disse um poeta. E' verdade que não me conhecem, apezar talvez de já me terem visto; mas o meu nome já por si indica o diminutivo de minha posição para ser conhecido de um circulo tão alto. Tambem isto está sem graça, dirão as minhas leitoras — paciencia, a semana é que o quiz.

— Não se desculpe com a semana, é por que está hoje com preguiça.

— Bravo! Então o senhor não está vendo as malas vasias? A' excepção desta lista de bailes e esta carta fechada, nada mais contém.

— Pois conte os bailes.

— Pois lá vai. Deu o seu primeiro no salão do *Club Fluminense* a *Sylphide*. Foi uma bella aquisição; a sociedade subiu mais de dous palmos. Esteve como era de esperar, concorrido e brilhante. Eu lá não estive, mas passando pelo portão do *Club*, vi entrar uma moreninha tão bem trajada, tão alegre e vivaz, como uma borboleta entre flores, dous lindos olhos negros e luzidios, como dous brilhantes, e seus cabellos bem podião emprestar cores a uma noite sem lua, mas tambem sem gaz.

Quasi que fiquei parado; e apenas dou dous passos e uma linda romantica escureceu-me os olhos e embargou-me a passagem, vinha vestida de branco. Oh! dir-se-hia um anjo que se transviára do céu e que vinha com suas candidas azas espanejar as flores da terra!

Quasi que tambem fiquei parado; mas como tinha que fazer, fechei os olhos para não ver um circulo de moças — uma grinalda de lyrios que vinha apeando-se de um carro; se não fecho os olhos decididamente ficava parado. E' celebre!

Tambem houve baile militar — esteve frio e desanimado — esperemos por outro. *Canapeira* tambem houve: esteve como sempre. Deixemos-lhes as descrições para a espirituosa e poetica redactora da *Chronica dos Salões*.

Vamos ao Provisorio... perdão, nada de desagradar a ninguem, a molestia do Provisorio está no periodo de sua visita de saúde, a sua febre ou torpor um pouco avivado, já tem outro nome, para não desanimar a familia, — chama-se *Lyrico Fluminense* — tem encheute. Mas decididamente enquanto me não fizerem presente de uma caixa de ouro com inicias de brilhantes, que eu possa levar com rapé ao espectáculo, lá não vou. Não estou para dormir nos bancos como se o Sr. Arnani fosse alguma dormideira.

Nyctheroy esteve animado — a *Dama de S. Tropez* — ou o beneficio da Sra. Favrichon esteve concorrido e brilhante.

Abramos a carta fechada. Olá! não é para cá; mas emfim vá. Esta recommendação pertence ao *boletim musical*. Não admira, quando malas para Pernambuco já foram parar um dia em S. Paulo, não é muito que por descuido cá viesse ter esta carta. Mas não é acerca de musica, posso fallar. E' uma participação do Sr. Miguel Furtado de Mendonça em que participa ao publico e especialmente ás senhoras, de que toca piano em funcções por casas particulares, dentro ou fora da cidade por commodo preço. Realmente o Sr. Furtado por sua posição e sua familia, cujo orgulho elle esquece, para occorrer ás suas primeiras necessidades, não se podia dirigir a ninguem melhor do que ás senhoras. Elle contou de antenão seguramente com a protecção de suas almas. Como musico ha de ser poeta — e como poeta ha de saber que as fibras do coração das senhoras são mais doces e delicadas do que a harmonia de um canto; ou o desprender de uma nota!...

Basta — esperemos pelo seguinte correio, que ha de ser mais interessante (por promessas não faltas).

Tivemos a *Gargalhada*, funambulos, etc., etc., no theatro de S. Pedro, e mais alguns bailes de que não me fizeram participação, e por isso não vão aqui registrados.

Até domingo.

O *Beijamin*.

Anecdota.

Um homem, conhecido por sua avareza, gabava-se de ter perdido dous cruzados novos ao jogo sem proferir palavra: « Não admira, lhe respondeu um sujeito; as grandes afflicções tirão a falla. »

CHARADA.

Eu sou o nome
D'uma pastora,
A quem Elvino
Pastor adora.

5

Ambos se assentão
A' minha margem,
Vendo bolir
Verde folhagem.

2

Vencendo os Persas
Mostrou valor,
Batendo os Godos
Igual primor.
Mas este heroe,
Tão alamado,
Foi tão virtuoso
Quão desgraçado!



(Pela Exma. Sra. D. S. I. R. F.)